

Uma História da Filosofia

25 Tomás de Aquino sobre Deus

Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College

Nesta tarde, queremos dedicar atenção ao que Tomás de Aquino tem a dizer sobre Deus, nosso conhecimento de Deus e algo sobre a natureza de Deus. Coloquei no quadro o esboço geral que gostaria de seguir, começando com a discussão sobre a existência de Deus. Lembrem-se da linha de raciocínio que temos tentado desenvolver.

Ou seja, em resposta à interpretação averroísta de Aristóteles, incompatível tanto com a teologia muçulmana quanto com a cristã, Tomás de Aquino propôs-se a modificar a posição de Aristóteles para satisfazer as necessidades da teologia cristã. Vimos como ele fez isso em relação à sua metafísica. Em seguida, observamos que a Suma Teológica, obra fundamental escrita com esse propósito, discute a relação entre fé e razão, razão e revelação, a fim de defender uma posição que repudia a noção de dupla verdade dos averroístas e reconhece a natureza mutuamente complementar da razão e da revelação.

Ele parte diretamente disso para falar sobre a existência e a natureza de Deus, de modo que as mudanças metafísicas que ele fez começam imediatamente a dar frutos, desde que se tenha em mente a inter-relação ativa entre razão e revelação. Ou seja, para Tomás de Aquino, quando ele tenta argumentar sobre a existência de Deus, trata-se de uma empreitada racional. Mas a conclusão a que ele quer chegar é algo compatível com o Deus da revelação judaico-cristã.

Na verdade, o que ele faz é começar, e você tem esses três artigos na antologia, perguntando: a existência de Deus é autoevidente? O que soa como uma pergunta bastante inocente, até você perceber que as objeções que ele aborda logo no início do artigo são objeções levantadas contra a posição de Tomás de Aquino, objeções levantadas por pessoas como os neoplatônicos, Anselmo e Agostinho, ou seja, a tradição platônica. A tradição platônica, que em geral favorecia a visão de que a existência de Deus é autoevidente ou pode ser demonstrada como uma afirmação logicamente necessária, é o tipo de coisa que produziu o argumento ontológico de Anselmo. Então, se você olhar na página 524, poderá ver rapidamente o que ele está fazendo.

A primeira objeção afirma que a existência de Deus é autoevidente, visto que, como diz o damasceno João Damasceno, o conhecimento de Deus está naturalmente implantado em todos. Será que é autoevidente por causa de uma ideia inata? Ora, obviamente, ideias inatas são uma doutrina platônica. E ele responderá que não, a ideia não é inata em nós, exceto de uma forma muito vaga e geral; surge

naturalmente alguma consciência de um ser supremo, mas não uma ideia clara e inata de Deus.

Na segunda objeção, diz-se que as coisas que se conhecem assim que os termos são conhecidos, e assim que o significado do nome Deus é compreendido, percebe-se que Deus existe. Bem, isso é Anselmo, visto que a existência é da própria natureza de Deus. E na terceira objeção, a existência da verdade é autoevidente, e Deus é a própria verdade, Deus existe. E esse é o argumento de Agostinho, como vocês se lembram, que argumentava das Verdades para a Verdade com V maiúsculo, na qual todas as Verdades participam, o Logos Divino, que, portanto, existe.

Agora, você tem três tentativas de afirmar que a existência de Deus pode ser conhecida a priori. A priori. Ou seja, independentemente de qualquer evidência empírica.

Independente de qualquer apelo à experiência. Argumentos a priori para a existência de Deus, como o argumento ontológico. E todos esses são rejeitados por Tomás de Aquino.

Ele é empirista demais, sendo aristotélico, para ter um argumento a priori racionalista, como faziam os platônicos. Portanto, ele é coerente aqui com a tradição aristotélica na qual se baseia. Ora, isso fica bem claro se você ler o livro "Eu Respondo a Isso" .

E essa é a maneira de ler Tomás de Aquino: leia sempre o "Eu Respondo a Isso". E você verá como ele coloca a questão. Uma coisa pode ser autoevidente de duas maneiras.

Por um lado, evidente em si mesmo, mas não para nós. E, por outro, evidente para nós. E ele continua, no final de "Eu Respondo a Isso", dizendo que a própria proposição "Deus existe", ou melhor, "Deus existe", é evidente em si mesma, porque Deus é a sua própria existência, como será mostrado adiante.

A existência é necessária para Deus. Mas isso só é válido enquanto soubermos disso sobre Deus. Portanto, não é algo evidente por si só para nós.

O fato de Deus ser um ser necessário, que existe necessariamente, significa que isso é evidente por si só, se você souber isso sobre Deus. Mas se você não souber, então não é evidente para nós. Portanto, ele rejeita qualquer argumento a priori.

Talvez você tenha tido essa impressão sobre o argumento ontológico de Anselmo. Eu tenho a ideia de um ser perfeito, e que nenhum ser assim, nenhum maior, pode existir. Bem, tudo bem se você tem essa ideia.

Mas e se você não tiver? Você verá. E ele está dizendo que não temos uma ideia disso. A existência é um predicado necessário, uma parte necessária da ideia.

Então ele parte disso, o que é, na verdade, uma aceitação de uma abordagem mais aristotélica do que platônica. Ele passa disso para o corolário. Bem, se não conhecemos Deus com base em algum conceito a priori, então a outra alternativa é que o conhecimento de Deus seja a posteriori, isto é, dependa, de certa forma, da experiência.

E a experiência que temos é, presumivelmente, uma experiência da criação de Deus. Então, a questão é se a existência de Deus pode ser conhecida a partir dos efeitos de Deus. Argumentando do efeito para a causa.

E a isso, muito simplesmente, sua resposta é, obviamente, afirmativa. Portanto, podemos antecipar que seus argumentos para a existência de Deus serão argumentos de causa e efeito com premissas extraídas da experiência humana. Certo? Com premissas extraídas da experiência humana.

Nesse sentido, seu caminho se torna bastante claro. E então, no terceiro artigo, ele mergulha direto em suas provas da existência de Deus. As famosas cinco provas de Tomás de Aquino.

Agora, tendo a pensar que, quando essas provas são tratadas fora do contexto da Suma Teológica e fora do contexto histórico da tentativa de adaptar a tradição aristotélica a propósitos cristãos, fora desses contextos, elas são frequentemente mal compreendidas. A suposição parece ser a de que elas devem ser neutras, de modo que qualquer pessoa deva concordar que elas provam a existência de Deus. Mas, na verdade, não é bem assim.

Porque, se analisarmos as premissas das cinco demonstrações, veremos que elas não são premissas filosoficamente neutras. São premissas aristotélicas. Pois, embora sejam premissas derivadas da experiência, representam um conhecimento de princípios abstraídos da experiência.

Lembra-se do conhecimento de Aristóteles? Por meio da abstração da essência da espécie. Entende? Assim começa, por assim dizer, com conceitos aristotélicos, extraídos da experiência à maneira aristotélica. Na primeira demonstração, na página 527, sob o título "Respondi que, de cinco maneiras, a primeira é o argumento do movimento, ou da mudança".

E, ao ler cerca de oito linhas adiante, no topo da segunda coluna, você percebe que ele define movimento, ou mudança, como nada mais do que a redução de alguma potencialidade à atualidade. O bom e velho Aristóteles. Potencialidade e atualidade.

Toda mudança é um movimento da potencialidade para a atualidade. E a segunda maneira, na parte inferior dessa coluna, vem da natureza da causa eficiente. Porque no mundo das coisas sensíveis, existe uma ordem de causas eficientes.

Essa é uma concepção aristotélica . E a terceira via, em 528, parte da possibilidade e da necessidade. Essa também é uma distinção aristotélica.

Contingência e necessidade. E a quarta via, em termos da gradação encontrada nas coisas, algumas mais ou menos boas, mais ou menos verdadeiras , mais ou menos nobres , é essa hierarquia do ser e da bondade, que é um ingrediente, entre outros, do pensamento aristotélico. E a quinta via, a partir da governança do mundo, tudo, mesmo que lhe falte conhecimento, como os corpos naturais, tudo na natureza, age para um fim.

Causas finais. Isso é aristotélico. Então aqui está ele, veja bem, tentando modificar a metafísica aristotélica para servir a propósitos cristãos.

E ele está se baseando em premissas aristotélicas. Ora, que tipo de deus se pode argumentar a partir de premissas aristotélicas? Não é um deus aristotélico. É muito mais próximo de um deus cristão. É claramente um ser teísta, não um motor imóvel que apenas pensa por si mesmo.

Observe as conclusões das cinco provas. E você verá o que ele está fazendo. A primeira prova, sobre 527, leva à conclusão de que existe um primeiro motor movido por nenhum outro, e todos entendem que este é Deus.

Você diz que a linguagem é aristotélica. Sim. Uma linguagem pioneira.

Um motor primeiro. Mas observe a diferença. O motor primeiro de Aristóteles é apenas uma causa final.

Este primeiro motor é uma realidade, e ele diz que uma série de motores não pode continuar ao infinito, porque então não haveria um primeiro motor, nenhum outro motor, visto que os motores subsequentes se movem apenas na medida em que são movidos pelo primeiro motor, assim como o bastão se move apenas porque é movido pela mão. Muito bem, então alguém tem que mover o bastão. Tem que haver uma mão para mover o bastão.

Logo no início da série, isso soa como uma causa eficiente, não uma causa final. E no segundo caso, trata-se explicitamente de uma causa eficiente. A segunda demonstração termina, sendo necessário admitir uma primeira causa eficiente, à qual todos atribuem o nome de Deus .

Assim, logo no início de seu verão, Thomas apresenta um deus que é a causa eficiente. Um deus teísta, não um aristotélico. E você passa para a terceira via, e Deus é um ser necessário.

A quarta via conclui que deve haver algo que seja, para todos os seres, a causa de sua existência, bondade e todas as outras perfeições. Deus é o bem. Essa é uma noção platônica, mas aqui ela se baseia em premissas aristotélicas.

Você verá. E a quinta via, a partir da governança do universo, leva à conclusão de que existe um ser inteligente por meio do qual todas as coisas naturais são direcionadas para o seu fim, e a esse ser chamamos de Deus . Um ser inteligente que não apenas pensa por si mesmo, mas sabe o que a criação está fazendo e a direciona para os seus fins.

Você verá. Um deus onisciente, não apenas o deus de Aristóteles. Um criador onisciente.

Bem, essa é uma transformação notável, você verá. Partindo de premissas aristotélicas, ele apresenta argumentos a favor de um deus não aristotélico. Mas consegue.

Você vai ver. Argumentar a favor de um deus não aristotélico a partir de uma premissa aristotélica. Entendeu? E essas cinco provas têm sido debatidas desde então, e imagino que você tenha se deparado com elas no curso introdutório de filosofia que fez.

Você verá. O de sempre. Bem, o fato de ele ter Deus como o bem supremo em mente fica evidente na resposta à primeira objeção.

Você pode querer dar uma olhada nisso. 528. Como Deus é o bem supremo, diz Agostinho, ele não permitiria que nenhum mal existisse em suas obras, a menos que sua onipotência e bondade fossem tais que pudessem trazer o bem até mesmo do mal.

E Tomás de Aquino acrescenta que isso faz parte da infinita bondade de Deus, que Ele permita que o mal exista e, a partir dele, produza o bem. Veja, o argumento do bem maior em relação ao mal. Existir para o bem maior .

Voltaremos a esse assunto mais tarde . Alguma pergunta ou comentário até agora? Sim. Ryan.

Ele observou que a maioria das pessoas considera isso um movimento horizontal. Sim. Mas ele disse que não, que é mais um movimento vertical.

Não entendi exatamente. Sim. A questão é se, nessa sequência de movimentos para trás, para trás, para trás, falar do primeiro movimento é falar do número um aqui atrás, que deu início a toda a sequência, e toda a teoria do dominó, entende?

Se é o primeiro nesse sentido. Ou se o que ele está descrevendo é um metamovimento . Esse parece estar morto.

Vamos tentar outra. Ou será que ele está falando de um metamotor aqui em cima, que está envolvido na manutenção do movimento, na atualização do potencial de toda a série? Bem, a razão para supor que seja este último é, creio eu, dupla.

A segunda demonstração fala de uma ordem de causas eficientes. Não qual é a causa da causa última que podemos imaginar, mas qual é a causa de toda a ordem causal. Entendeu? Existe uma metacausa para a ordem causal.

E acho que é na Suma Contra os Gentios que isso se torna ainda mais explícito. Então, sim, vale a pena notar isso. Veja bem, um deísta se contentaria em ter Deus como o número um ali, aquele que dá o pontapé inicial e mantém tudo em movimento.

Inicia-se o efeito dominó, e ele continua derrubando outros dominós. Mas Tomás de Aquino não se contenta com isso. Outra maneira de perceber que ele não está satisfeito é que ele nos diz, e já falamos sobre isso em sua metafísica, que Deus é a própria essência da existência.

Como Gilson afirma, Deus não é simplesmente uma essência que existe. Ele é a própria essência da existência. Veja bem, é da sua natureza existir.

E Gilson retoma a declaração no livro de Êxodo 3:14, quando Deus diz a Moisés da sarça ardente: "Eu Sou o que Sou". Ora, que tipo de nome é esse? "Eu Sou o que Sou". Já foi observado que o hebraico Yahweh, Yah, é o verbo "ser".

Eu sou o que sou. Veja bem, e Gilson interpreta isso como a existência necessária. A própria essência da existência.

Bem, o próprio Tomás, independentemente da forma como Gilson coloca, é muito claro ao afirmar que a característica essencial de Deus é a sua existência. Sim, sem sombra de dúvida. Mas é nessa existência que ele continuamente concede existência a toda coisa criada, que depende dele para existir.

Não dependemos de Deus apenas para o início da nossa existência, mas também para a nossa existência contínua. Entende ? Deus, que sustenta a existência, não apenas a inicia. Portanto, se considerarmos essa dependência contínua de Deus, entenderemos que Deus, que sustenta a existência, não apenas a inicia. Se levarmos

isso a sério, considerando a criação do criador, então acho bastante óbvio que ele deveria estar argumentando, pelo menos, na primeira, segunda e terceira provas.

Não para um Deus que é o número um no início de uma série, mas para o Deus que é a causa principal de toda a série. Isso fica claro? Vejo acenos vagos. Não tenho certeza se você os está mencionando ou não.

Sim? Ok. Ok. Mais alguma coisa? Isso se refere ao artigo dois, o segundo artigo.

Sim. Ok. Sim, depende do que você quer dizer com "saber de verdade".

Você relaciona isso à resposta à terceira objeção, na qual ele diz que, a partir de efeitos desproporcionais à causa, não se pode obter um conhecimento perfeito da causa. E, sim, certamente Deus deve ser entendido não apenas como suficiente para produzir esses efeitos, mas como muito, muito mais do que suficiente. Portanto, nesse sentido, desproporcional aos efeitos.

No entanto, a partir de cada efeito, a existência da causa pode ser demonstrada, de modo que podemos demonstrar a existência de Deus, embora por meio deles não possamos conhecer Deus perfeitamente como Ele é em sua essência. Ora, o que essa última frase parece dizer é que podemos conhecer a Sua existência, certo, mas isso não nos dá um conhecimento perfeito de Sua essência ou natureza. Certo, é aí que residem as limitações.

Agora, ao mesmo tempo, é uma questão perfeitamente válida saber se as provas dos efeitos de Deus são tais que o conhecimento de sua existência seja logicamente certo, sem qualquer dúvida, entende? São essas provas irrefutáveis nesse sentido? E eu acho que, se estiver correto na minha interpretação de Tomás de Aquino, como fiz em relação à sua modificação da visão aristotélica e assim por diante, e se essas forem premissas aristotélicas, o que acho difícil de negar, Tomás de Aquino teria que dizer que essas provas são dependentes do sistema. Sim, senhor? Em outras palavras, você tem que recorrer a Aristóteles, à Aristóteles.

Sim, sim. Sabe, se você está convencido de que as premissas são verdadeiras, da realidade, então as conclusões se seguirão se os argumentos forem válidos. Isso vale para qualquer argumento, não é? Você precisa ter premissas verdadeiras e um argumento válido, entende?

Mas o meu ponto é que a veracidade das premissas depende do sistema em que se baseiam. Ora, claramente, Aristóteles defendia, ou melhor, Tomás de Aquino defendia, que Aristóteles era preferível à metafísica platônica. Ele defendia, então, que os conceitos de Aristóteles aqui apresentados são verdadeiros.

Mas com que grau de certeza lógica ele sustentaria isso? Veja bem, isso não é tão claro. Não é tão claro. Estou inclinado a pensar que a busca por uma certeza absolutamente indubitável é mais um produto da epistemologia dos séculos XVII e XVIII do que do pensamento grego em si, embora estes nutrissem um alto grau de expectativa, a começar por Platão.

E a razão pela qual digo isso é algo que será revelado em duas ou três semanas. Houve um... Bem, deixe-me antecipar desta forma. Com o colapso da autoridade da Igreja no final da Idade Média, a autoridade da Igreja Romana em assuntos onde as Escrituras não são explícitas, houve um vácuo epistemológico.

Com o desenvolvimento da Reforma Protestante, com a ênfase no sacerdócio universal dos crentes e, portanto, na capacidade do indivíduo de ler e interpretar as Escrituras por si mesmo, surgiu o temor da anarquia e do sectarismo em assuntos religiosos. Nesse vácuo epistemológico, uma voz proeminente foi a do ceticismo grego e romano. Os escritos de Sexto Empírico, lembram-se dele? Havia sido redescobertos.

Assim, o ceticismo tornou-se novamente uma força viável no século XVI. E foi em resposta a isso que a busca pela certeza se tornou uma das prioridades urgentes. Era disso que se tratava Descartes quando começou com o princípio "Duvido, logo existo".

Ele queria encontrar um argumento a partir do ceticismo. Era disso que tratava o debate entre Lutero e Erasmo. Erasmo queria simplesmente submeter-se aos ensinamentos da Igreja sobre certos assuntos.

Não foi assim com Lutero. Não foi assim com Lutero, entende? De modo que toda a questão de o que fazer em um vácuo de autoridade pareceu precipitar a busca iluminista pela certeza lógica.

E no fim, o que aconteceu no Iluminismo foi que as pessoas se voltaram para a ciência moderna como autoridade, em vez de qualquer outra coisa. Agora, acho que a preocupação com o conhecimento não era motivada da mesma forma na Idade Média, e, portanto, o nível de expectativa, o nível de exigência, não é o mesmo. Ok, vamos um passo além de falar sobre a existência de Deus e vamos falar sobre a natureza de Deus.

E sobre o primeiro tópico que mencionei, já demos o primeiro passo. Nas tradições aristotélicas, assim como em Tomás de Aquino, nosso conhecimento da natureza dos objetos naturais se baseia na experiência, abstraindo a essência, a natureza, a forma, da nossa vivência de toda a gama de membros de qualquer classe dada. Conhecimento por abstração.

Mas quando se trata de falar de Deus e do nosso conhecimento de Deus, surge um problema. Porque não existem espécies de deuses com as quais possamos obter experiência a partir das quais possamos abstrair a essência de Deus. Portanto, o conhecimento por abstração da experiência não funciona em relação ao nosso conhecimento de Deus.

Entendeu, Randy? Mais ou menos. Quer que eu repita? Tudo bem, vou repetir só para o caso de você ter perdido, porque é importante. Em matéria de ciência e conhecimento da natureza, podemos conhecer a essência das coisas, as formas, os princípios universais, abstraindo-os da nossa experiência com espécies, gêneros e assim por diante.

Isso funciona bem quando existem espécies e gêneros, mas não é o caso de Deus. Existe apenas um, entende? Deus é, como dizemos, *sui generis*, ou seja, ele tem seu próprio gênero dentro de seu próprio gênero.

O único membro do gênero dos deuses é Deus. Portanto, não temos experiência com toda uma classe de deuses a partir da qual possamos abstrair a natureza de Deus. Como, então, podemos saber algo sobre a natureza de Deus? E, basicamente, a resposta não é por abstração, mas por analogia.

Não por abstração, mas por analogia. E essa analogia depende, naturalmente, de toda a hierarquia dos seres, que está em sintonia com toda a hierarquia do bem e toda a hierarquia da verdade ou da forma inteligível, entende? Então, ele fala de dois tipos de analogia: uma analogia de graus, onde Deus é, naturalmente, totalmente bom, infinito em perfeição, ou seja, o maior grau concebível; e, além disso, uma analogia de proporcionalidade própria, onde proporcional ao grau de bondade é o grau de ser, e vice-versa.

Então, se Deus é um ser necessário no topo dessa hierarquia, Deus é a bondade perfeita, Deus é a verdade perfeita; entende, tudo em proporção. Assim, os seres humanos estão aqui embaixo com um grau de bondade e um grau de ordem inteligível em sua existência, e, hum, os deslizamentos de terra na Califórnia estão aqui embaixo em algum lugar, entende, com um grau relativamente baixo de bondade ou ordem inteligível, e assim por diante. Então, conhecemos Deus e podemos falar de Deus por meio de analogias; nossa linguagem é analógica.

Agora, no texto que você está lendo sobre os princípios da natureza, você notará que, no final, ele distingue três tipos de predicação, o que, novamente, foi emprestado de Aristóteles. Há a predicação unívoca, onde uma palavra é usada em um único sentido. Há a predicação equívoca, onde ela é usada em um sentido completamente diferente.

E existe a predicação analógica , que tem um sentido semelhante. Então, o que Thomas faz é refinar a noção de predicação analógica. Ora, esse refinamento depende claramente do conceito de ser, e, hum, ser não é tão simples assim.

Quando um dos personagens de Shakespeare diz "ser ou não ser, eis a questão", do ponto de vista de Tomás de Aquino, isso está errado. O ser é algo muito mais complexo do que simplesmente existir ou não existir. O ser tem uma natureza própria.

seja, existem certos atributos transcendentais de todo o ser . Ou, se preferir, de todos os seres. Atributos que transcendem as diferenças entre espécies, gêneros e classes maiores , e se aplicam a todos os seres.

Veja bem. Todo ser. Ora, ser ou não ser, existir ou não existir, é uma espécie de noção de existência simplificada, desprovida daqueles atributos transcendentais do ser.

A aridez da existência. Um eco oco da nossa própria existência, para usar o verso de Tennyson. Entende?

Ah, você entende isso no conceito de matéria, e acho que isso surgiu em uma das discussões da conferência. Não me lembro qual foi. Hum, onde, para Tomás de Aquino, a matéria é pura potencialidade.

Mas dizer que é pura potencialidade é dizer que ela já vem carregada, mesmo a matéria nua, carregada de possibilidades para o bem. Entende? Enquanto o conceito de matéria na ciência mecanicista do século XVIII é o de algo desprovido de todas as qualidades secundárias: cor, cheiro, tato.

Entende? Morto, inerte, impessoal, sem vida. De modo que Tennyson jamais poderia ter escrito em Memoriam sobre aquele deserto se estivesse pensando na concepção de ser de Tomás de Aquino.

Para Tomás de Aquino, o ser não era um deserto. Era na ciência mecanicista. Mas não na ciência aristotélica convertida por, bem, Aquino ao cristianismo.

Então, sempre que pensamos em ser, a noção de ser inclui as noções de bondade, verdade e beleza. Atributos transcendentais. Entende?

Ora, na medida em que esses são atributos transcendentais, nós os conhecemos aqui na escala, e aqui na escala, e aqui na escala, e aqui na escala em graus variados. E por extrapolação, nós, hum, facilmente, hum, falamos de, hum, Deus por analogia de graus. Entende?

Ou, com mais precisão lógica, fazendo isso com proporcionalidade. Assim, temos um conhecimento de Deus por analogia. Agora, os dois exemplos que quero destacar têm a ver com a verdade e a bondade.

Verdade e bondade. E eu escolho esses dois porque esses materiais, hum, pelo menos alguns deles, estão disponíveis para nós na antologia. E podemos, hum, vê-los muito bem .

Na página 529, é levantada a questão intrigante de se a verdade reside apenas no intelecto. E do nosso ponto de vista, isso é algo intrigante porque, bem, hoje em dia, se fôssemos discutir a questão "o que é a verdade?", provavelmente acabaríamos dizendo que a verdade é uma propriedade das proposições. Uma propriedade das proposições que corresponde a algum estado de coisas extramental .

E na medida em que proposições são pensadas, e proposições são verdadeiras, então a verdade está no intelecto, no pensamento. No pensamento correto. No pensamento sobre proposições corretas.

Diríamos que a verdade reside no intelecto . Em outras palavras, a verdade é uma categoria epistemológica. Mas, ao ler esse artigo, percebe-se que Tomás de Aquino não responde dessa forma.

A verdade não reside apenas no intelecto. A outra possibilidade é se a verdade reside na coisa. No ser da coisa.

Assim, percebe-se que temos uma distinção entre a verdade epistêmica e a verdade ontológica. Verdade ontológica: a verdade de uma proposição ou a verdade de um ser.

O que você quer dizer com a verdade de um ser? Bem, você pode distinguir, eu acho, na terminologia inglesa, entre a verdade sobre filósofos e filósofos verdadeiros. O que é um filósofo verdadeiro? Aquele que é fiel ao seu tipo. Fiel ao seu tipo? Bem, soa como um arquétipo.

Heh. É isso mesmo. Um verdadeiro filósofo é aquele que é fiel à essência de ser filósofo.

Entende ? Sim, o credo não diz que Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem? O que você quer dizer com verdadeiro homem? Verdadeiro homem? Ser homem é apenas uma proposição? Não. Um verdadeiro homem é aquele que se conforma à própria essência do que significa ser humano. Ele é verdadeiramente humano.

Fiel ao tipo. Verdade ontológica. Então você tem essas duas concepções de verdade, em que uma delas se refere simplesmente a uma proposição, a verdade proposicional.

Veja bem, quando falamos teologicamente sobre revelação proposicional, estamos falando de uma revelação que pode ser expressa em termos de proposições. Ela pode ser pensada, compreendida. Proposições que são verdadeiras ou falsas.

Entende? Ou seja, tanto faz se é uma verdade epistêmica, uma verdade de proposições, ou uma verdade ontológica, seres verdadeiros. Fiel ao tipo. Sim.

E, veja bem, é assim que funciona em relação a essa questão da verdade. Fiel ao tipo, o quê? Bem, os arquétipos estão na mente de Deus. Os arquétipos que fornecem os padrões de acordo com os quais Deus cria.

Entende? Essa verdade arquetípica. Ou seja, Deus concebido como verdade é o Logos. Sim.

O Logos. Ele está trazendo o conceito de Logos de Agostinho para a filosofia aristotélica. Este é Deus, o Logos.

Nele estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento. Lembre-se da frase de Colossenses? Entende? Então, nesse sentido, toda a verdade tem sua origem em Deus. Porque toda verdade proposicional é verdade ou sobre Deus ou sobre algum aspecto da criação de Deus.

Entende? Então, o ponto de referência ao falar de qualquer coisa na natureza são os arquétipos em Deus. Quando você diz que isso é verdade, você está dizendo, na verdade, que Deus sabe que é verdade. Esse é o ponto de referência.

Falando sobre a verdade. E Deus, como um ser verdadeiro, é a própria personificação do ser. Com os atributos transcendentais do ser em sua perfeição.

Aquilo além do qual nada maior pode ser concebido. Portanto, a verdade ontológica. Isso, tão obviamente na tradição de Agostinho e dos Padres da Igreja, significa que a fonte da verdade como a conhecemos, seja a verdade ontológica aqui na Terra ou a verdade proposicional, a fonte de tudo é Deus.

Deus é a fonte de toda a verdade. Deus é o padrão da verdade. Nesse sentido, toda verdade é verdade de Deus, não importa onde seja encontrada, contanto que seja verdadeira.

Entende? Verdade proposicional. Verdade ontológica. É sempre graças a Deus, o Criador.

Bem, esse é o tema que permeia o primeiro artigo. Sua definição de verdade, verdade proposicional, é que a verdade é a equação entre pensamento e coisa. Essa é uma espécie de definição por correspondência.

A verdade é a equação entre pensamento e coisa. Quando a proposição corresponde à forma como a coisa é, temos uma proposição verdadeira. Bem, ele pergunta, no entanto, se a verdade ontológica ou a verdade epistemológica vem primeiro.

E a resposta dele é: a verdade reside primeiramente no intelecto e, portanto, no ser. Ou seja, a verdade está primeiramente na mente de Deus, nesses arquétipos, e depois nos seres criados, que são verdadeiros nisto, verdadeiros naquilo, verdadeiros em outra coisa. Portanto, examine esse artigo com atenção.

É um texto rico e dá continuidade à tradição que encontramos em Agostinho. Ele prossegue, porém, a partir desse artigo, para o quinto artigo, que trata da questão de se Deus é a verdade.

E ali ele desenvolve o lado do logos. Certo, vamos passar daí para a bondade de Deus. Quero voltar à vontade de Deus posteriormente, mas sobre a bondade de Deus, onde queremos, ah, acho que nas páginas 534 e 535, nessa área geral.

Alguma pergunta sobre a verdade? Algum comentário? Essa coisa de essencial e accidental, a verdade accidental é a mesma que a epistêmica? Bem, essência e acidente são basicamente coisas metafísicas. Ou seja, a essência é a natureza essencial de uma coisa. Acidentes são coisas que não são essenciais à sua natureza, mas que lhe acontecem.

Tive a impressão de que só podemos saber a verdade por acaso. Ah, entendi o que você quis dizer. Sim, sim.

Ou seja, conhecer a verdade sobre algo não é inerente a nós. É algo que nos acontece. Exatamente.

Sim, é verdade. Temos capacidade para adquirir conhecimento. Mas apenas acidentalmente.

Sim, mas na verdade, alcançar o verdadeiro conhecimento depende de condições que o tornam possível. Então, nesse sentido, é um acidente que acontece, e não uma necessidade que surge naturalmente. Certo.

Só para garantir que a questão foi levantada, quando ele diz que a verdade está primeiro na mente de Deus e depois nos seres criados, ele está se referindo à verdade psicológica ou não? Não, ele diz que a verdade está primeiro no intelecto.

Agora, acho que nesse contexto, ele está falando sobre verdades a respeito da natureza e até mesmo sobre os tipos de coisas que existem na natureza. Você verá.

Por causa de Deus, a verdade para qualquer coisa criada reside primeiramente no intelecto de Deus. Primeiramente no intelecto . Ora, você pode dizer: "Sim, mas em Deus, o verdadeiro ser de Deus, o fato de Ele ser o verdadeiro Deus, não é anterior às verdades na mente de Deus?" Ao que eu creio que Tomás de Aquino diria: "Não, nem é o contrário."

Porque ser Deus é ser onisciente, saber tudo. Você vai ver. E se Deus não fosse onisciente, a verdade no intelecto, ele não seria Deus.

Você vai ver, porque esse é um dos atributos transcendentais de... Ok. Sim. Sim.

Certo. Vocês veem a tradição com a qual temos trabalhado desde os gregos continuando? A tradição cresce, é gradualmente cristianizada na igreja primitiva, em Santo Agostinho, e agora, em Tomás de Aquino. Observem isso, porque é essa visão de mundo filosófica cristã que vai se desintegrar repentinamente .

Quando Guilherme de Ockham entra em cena, tudo parece desmoronar. Chegaremos a isso na segunda-feira, talvez na quarta-feira da semana que vem. Nossa!

Bondade. Que é outro desses atributos transcendentais. A bondade de Deus é evidente em sua providência.

Ou seja, em todas as coisas boas, em toda a sua criação. Um ser universal é bom. Ou seja, uma maçã tem o seu próprio tipo de bondade.

Um cachorro é bom porque, em sua própria natureza, os cachorros são bons. Um ser humano é bom porque possui uma qualidade inerente que o integra à bondade intrínseca da criação . Bom nisso.

Onde há maldade, a maldade é uma privação da bondade. Uma privação, se preferir. Assim , uma maçã podre é aquela que já não é fiel à sua essência.

Na verdade, se a situação piorar muito, ela se decompõe completamente. Onde não há bondade, não há existência. Toda a existência é, em certa medida , boa.

Veja bem. Assim, a bondade se manifesta na criação, em todos os níveis da criação, em todos os aspectos da criação. Mesmo naquilo que está corrompido, na medida em que ainda o está, há, até certo ponto, alguma evidência da bondade de Deus em conferir ao ser atributos transcendentais em graus variados.

E o trecho que você tem sobre predestinação, 531, veja. Tomás de Aquino trata da predestinação em relação à providência divina que permite que certas coisas aconteçam. Providência é a bondade de Deus em permitir algo para bons propósitos.

Veja bem. E na página 534, você vê essa bondade resumida no artigo "Se Deus pode fazer melhor do que já faz". Onde a resposta é que a bondade de qualquer coisa é dupla.

A essência do ser humano reside em sua própria natureza; a racionalidade é inerente à essência do homem. Quanto a esse bem, Deus não pode criar algo melhor do que ele mesmo. Não se pode tornar um homem melhor do que aquele para o qual ele foi criado.

Veja bem. Mas existe outro tipo de bondade. A bondade de um homem consiste em ser virtuoso, sábio ou conhecedor, para usar o outro exemplo.

Isso não é essencial; é algo que se conquista, algo que se concretiza. E, a esse respeito, Deus pode aprimorar as coisas que criou. Ele pode torná-lo virtuoso e sábio.

Entende? Então, a bondade de Deus. Agora, esse tema geral que você pode ter sentido foi um eco de algo que aconteceu na conferência.

De fato, a primeira palestrante da manhã de sábado criticou um trabalho realizado por Tom Morris em Notre Dame. Em seu artigo sobre louvar a Deus no melhor dos mundos possíveis, ela escreveu um artigo sobre Anselmo.

Essencialmente, ela concordava com essa posição, que Anselmo e a tradição, e consequentemente Tomás de Aquino, aceitavam: que Deus cria um mundo que é o melhor dos mundos possíveis que Ele poderia criar, segundo a sua essência.

Veja bem. Em contraste com Morris, que, rejeitando essa tradição, diz: " Não , Deus poderia ter feito uma criação melhor do que esta que fez". Então, essa questão surgiu no debate.

Observe o versículo 534 e a resposta à objeção 3 no topo da página. Embora a ordem atual das coisas esteja restrita ao que existe agora, o poder e a sabedoria divinos não estão assim restritos. Portanto, embora nenhuma outra ordem fosse adequada e boa para as coisas que existem agora, Deus poderia criar outras coisas e impor-lhes outra ordem.

Portanto, este não é o único mundo possível. Deus poderia criar outros mundos possíveis vastamente diferentes, igualmente bons. Mas, para este mundo em particular , este é o melhor mundo possível.

Certo? Agora, você pergunta, em relação a isso, e quanto ao problema do mal? E a resposta dele, como já vimos, foi que o mal é permitido para um bem maior . E isso é desenvolvido mais a fundo na página 535. Onde, ao responder à pergunta se Deus é a causa do mal, ele escreve que o mal consiste na falha da ação causada pela falha do agente.

Mas em Deus não há defeito. Portanto, o mal, que consiste em defeito de ação causado por defeito do agente, não se reduz a Deus como sua causa. É preciso procurar um agente defeituoso.

E essa busca por um agente defeituoso, naturalmente, implica a aceitação do argumento do livre-arbítrio de Agostinho sobre a existência do mal. Devido ao livre-arbítrio de agentes defeituosos. Seres humanos, anjos caídos, e assim por diante.

Mas, por outro lado, o mal, que consiste na corrupção de algumas coisas, é reduzido a Deus como causa. E aqui ele está falando da corrupção natural das coisas, como maçãs que apodrecem. E fica evidente que, na metade desse parágrafo, a forma que Deus pretende nas coisas criadas é o bem da ordem do universo.

E se o bem da ordem do universo exige que as maçãs apodreçam, então, nesse sentido, maçãs apodrecendo são boas. Afinal, onde estariam as colheitas de maçãs sem maçãs apodrecendo? Quero dizer, não haveria sementes de maçã para semear mais macieiras e produzir mais maçãs. Então, maçãs apodrecendo são, não são, para o bem do universo? Para o bem de todos.

Portanto, no caso dos males naturais, ele defende que o argumento do bem maior se aplica. Com relação ao mal moral, aplica-se o argumento do livre-arbítrio. Mas Deus permite até mesmo isso em prol do bem maior.